

Acordo nuclear, sim, mas com Riade

Donald Trump chegou a um acordo de 30 anos com a Arábia Saudita do príncipe Mohammed bin Salman para a instalação de um programa nuclear. Avançada pelo *Wall Street Journal* e depois pelo *New York Times* e Associated Press, a notícia detalha que, em resultado de um estudo conjunto de sauditas e norte-americanos, o pacto abre a porta à construção de uma fábrica de enriquecimento de urânio no país do Golfo. Segundo uma fonte, o acordo exclui o protocolo adicional da Agência Internacional de Energia Atômica, que prevê monitorização e inspeções ao programa. O acordo terá de passar pelo crivo do Congresso e não faltará quem tema que este desenvolvimento abra à porta à proliferação nuclear. O príncipe saudita não só tem mostrado interesse no desenvolvimento de um programa nuclear com fins civis, mas também na hipótese da aquisição de armas nucleares. Numa entrevista à CBS, em 2018, Salman disse que a Arábia Saudita iria desenvolver essa componente nuclear “o mais rápido possível” se o seu rival regional, o Irão, a obtivesse.

bloqueio aos navios destinados à Arábia Saudita. Pelo menos sete navios foram impedidos de passar o estreito de Bab el-Mandeb, que liga o mar Vermelho ao mar da Arábia, disse a empresa Lloyd's List.

Em paralelo, prosseguem há uma dúzia de dias consecutivos operações militares de ambos os lados. Os ataques dos EUA deixaram de se limitar a alvos militares e passaram a atingir infraestruturas iranianas nas mais diversas regiões do país. O Irão tem retaliado para os países vizinhos, ora tendo como alvo bases militares dos Estados Unidos, ora alvos civis, como uma estação de dessalinização e uma central elétrica no Koweit, ou um centro de dados da Amazon no Bahrein, por exemplo. Além destes países, e do Qatar, alvos habituais, o Irão expandiu os ataques à Arábia Saudita e à Jordânia. A meio dos ataques e contra-ataques – que não

se dirigiram contra Israel ou contra as forças navais norte-americanas –, o guia supremo considerou, no dia 18, que a assinatura de Trump era “inócua e inválida”.

Antes da ameaça de quarta-feira em relação aos navios no estreito de Ormuz, foram despachados mais aviões de caça para a região, e Trump disse que o material nuclear iraniano alegadamente realocado numa montanha nos arredores de Natanz seria alvo de bombardeamentos.

Uma “guerra em grande escala” até onde?

Este avolumar do conflito – descrito pelo presidente Pezeshkian como uma “guerra em grande escala” – poderá ir até que ponto? Do ponto de vista militar, ambas as partes sofreram perdas consideráveis desde 28 de fevereiro. O Irão, segundo os EUA, ficou sem navios da Marinha (embora mantenha capacidade naval com as lanchas rápidas). Mas a sua capacidade para desferir golpes destrutivos na região mantém-se intacta. Em junho, Trump disse que Teerão tinha ficado com 21% da capacidade de mísseis. Mas, no mês anterior, um agente da CIA citado pelo *Washington Post* estimou que o *stock* de mísseis iraniano estaria em 70% em relação aos níveis anteriores à guerra. A mesma fonte calculou que o Irão poderia resistir entre três e quatro meses ao bloqueio naval norte-americano.

Na quarta-feira, o porta-voz das forças armadas iranianas afirmou que o seu país está a aumentar o arsenal de mísseis desde o início da guerra, apesar dos bombardeamentos. Segundo o general Abolfazi Shekarchi, os EUA não conseguiram localizar os locais de produção dos mísseis e dos drones e estes “vão diretamente da produção para uso operacional” enquanto os *stocks* são reabastecidos, disse à Press TV.

Do lado norte-americano, os danos principais são as bases na região. A escala da destruição ainda não foi totalmente divulgada. Em maio, uma análise de imagens de satélite a cargo do *Washington Post* detetou 228 estruturas ou equipamentos destruídos ou danificados em 15 bases norte-americanas em seis países árabes. Nos últimos dias, novos ataques mataram também quatro militares nesses locais, elevando as baixas dos EUA para 17. As bases são uma projeção de for-

ça norte-americana na região, mas a sua proximidade com o Irão é também uma desvantagem. “Ninguém com a cabeça no lugar algum dia colocaria o quartel-general avançado do CENTCOM [Centro de Comando] a 160 quilómetros do Irão, mas é exatamente aí que está,” disse o ex-comandante daquele órgão Frank McKenzie, ao Middle East Eye.

É público que a campanha de 39 dias da Operação Fúria Épica baixou a disponibilidade de quatro munições para níveis preocupantes: os mísseis de cruzeiro Tomahawk, os mísseis para os sistemas Patriot e THAAD, e os mísseis navais SM-3 e SM-6. Nenhuma destas munições será reposta em breve. No mês passado, o secretário da Guerra admitiu que demorará “meses e anos, dependendo do sistema de armas”. Na terça-feira, Pete Hegseth foi questionado pelos congressistas sobre o seu pedido de financiamento de 67 mil milhões de dólares adicionais ao orçamento do seu departamento. Mas o entrave para o reabastecimento não é dinheiro, é tempo – tempo para obter os minerais críticos que compõem os sistemas avançados de armas, e de que os EUA dependem da China.

Há indicações de que nenhu-

ma das partes está interessada em prolongar o conflito, mas entretanto este agrava-se. O negociador-chefe iraniano, Bagher Ghalibaf, ameaçou continuar a atacar os vizinhos: “Numa região onde não vendemos petróleo, ninguém venderá petróleo. Se a nossa segurança não estiver garantida, nenhuma infraestrutura estará segura, e a segurança do estreito [de Ormuz] depende da

37,5

Mil milhões de dólares (32,8 mil milhões de euros) é o custo estimado da guerra por parte dos EUA, sem contar com o ónus da reconstrução das bases militares atingidas, disse o secretário da Guerra Pete Hegseth.

100

Ataques do Irão passaram as defesas aéreas desde 28 de fevereiro, tendo lançado no total cerca de 8500 mísseis e drones, disse um militar ao *Washington Post*.

ausência de forças americanas.”

Para Behnam Ben Taleblu, da Fundação para a Defesa das Democracias, “a política de terra queimada incremental do Irão contra o mundo árabe destina-se a fazer com que a América se retire da região, e não a reforçar a sua presença”, afirmou, citado pelo *Wall Street Journal*.

Nos EUA, as eleições intercalares aproximam-se com o aumento do custo de vida a pesar no voto. Na mais recente sondagem da Ipsos para o *Washington Post*, dois terços não acreditam que as negociações com o Irão impeçam este país de desenvolver armas nucleares e 59% temem que o preço dos combustíveis não volte ao que era. De forma ainda mais significativa, o dossier Irão é aquele mais reprovado (69%), acima da economia (65%).

Para Martin Griffiths, antigo subsecretário-geral da ONU para os assuntos humanitários, o segredo para voltar à mesa das negociações está em ambos os lados acreditarem que perderam. “Há uma expressão, aliás, na comunidade de mediação que pode ser relevante aqui: ‘um impasse mutuamente doloroso’”, disse o agora diretor executivo da Mediation Group International, citado pela Al Jazeera, que acredita ser o caso.



Manifestante contra a guerra durante a audição de Pete Hegseth no Congresso.